

BA: Principal liderança Pataxó é presa em emboscada da Força Nacional a serviço do latifúndio

N anovademocracia.com.br/ba-principal-lideranca-pataxo-e-presa-em-emboscada-da-forca-nacional-em-conluio-a-servico-do-latifundio/

5 de julho de 2025

GABRIEL PIMENTA

Ao te matarem, te multiplicaram...



...e seremos MILHÕES!

[Luta Pela Terra](#)

A detenção, ocorrida na manhã de quarta-feira (02/07) em Porto Seguro, envolveu uma operação furtiva com duas viaturas e terminou com quatro indígenas detidos — incluindo o cacique, figura central na articulação pela demarcação das terras indígenas (TI's) Pataxó.

por [Redação de AND](#)

5 de julho de 2025

2 minutos de leitura



[Luta Pela Terra](#)

A detenção, ocorrida na manhã de quarta-feira (02/07) em Porto Seguro, envolveu uma operação furtiva com duas viaturas e terminou com quatro indígenas detidos — incluindo o cacique, figura central na articulação pela demarcação das terras indígenas (TI's) Pataxó.

por [Redação de AND](#)

5 de julho de 2025

2 minutos de leitura

A prisão do cacique Wellington Braz, conhecido como Cacique Suruí, presidente do Conselho de Caciques do Território de Barra Velha do Monte Pascoal, acendeu mais um grave alerta sobre a atuação da Força Nacional no sul da Bahia. A detenção, ocorrida na manhã de quarta-feira (02/07) em Porto Seguro, envolveu uma operação furtiva com duas viaturas e terminou com quatro indígenas detidos — incluindo o cacique, figura central na articulação pela demarcação das terras indígenas (TI's) Pataxó.

Testemunhas denunciam que a operação se tratou de uma emboscada. O veículo em que estavam Suruí e os demais detidos foi interceptado dentro da Terra Indígena Barra Velha do Monte Pascoal. O líder indígena teria sido prontamente identificado e submetido a agressões físicas e ameaças de morte ainda no local. O trajeto até a delegacia durou horas, com relatos de paradas forçadas em que os detidos eram

obrigados a ajoelhar enquanto armas eram apontadas para suas cabeças. “Corre, pode correr, o cano da arma está até quente”, teriam dito os policiais, em suas táticas rotineiras de tortura e ameaças.

As “acusações” envolvem porte ilegal de armas, aliciamento de menores e formação de quadrilha — esta baseada apenas no fato de Suruí ser presidente do conselho de caciques —, em um flagrante caso de chicana jurídica. A imprensa local, profundamente reacionária e pró-latifúndio, ecoou as várias versões da Força Nacional, mencionando um suposto “arsenal de guerra” no veículo, embora não haja qualquer registro ou prova das alegações.

Força Nacional a serviço do latifúndio

A situação se agrava diante do histórico recente de perseguição aos Pataxó na região. Entre março e o início de julho de 2025, ao menos quatro indígenas foram assassinados em ataques de milícias armadas ligadas aos latifundiários locais. Os assassinatos em sequência foram de: João Celestino Lima Filho, baleado na retomada da Fazenda Japara Grande; Vitor Braz e um companheiro, emboscados e executados; Célio Santana Neves, morto por pistoleiros encapuzados e Wanderson, alvejado ao retornar à aldeia.

A presença da Força Nacional, sempre acionada para supostamente “mediar” conflitos fundiários, tem sido alvo de [dezenas de denúncias por parte de organizações indígenas e camponesas](#), e de lideranças locais — principais alvos dos massacres, [como o ocorrido no assassinato da liderança Nega Pataxó em 2024, e que segue impune](#). Para essas vozes, a atuação do governo federal é nula. O latifúndio, real mandante dos crimes, [utiliza a Força Nacional em todo país como força auxiliar do roubo de terras e da repressão às retomadas](#).

O caso do Cacique Suruí escancara o risco iminente que corre qualquer liderança camponesa que se oponha ao latifúndio. Há denúncias de que seu nome já constava em listas de execução mantidas por fazendeiros locais, e que seu envio ao presídio de Eunápolis, onde atuam facções criminosas com ramificações em algumas aldeias, colocaria sua vida em perigo real e imediato.

A prisão do cacique não é um caso isolado, mas parte da escalada da guerra no campo.

Em maio, [pistoleiros fortemente armados invadiram a Terra Indígena Apyterewa](#), localizada no município de São Félix do Xingu, no sul do Pará. Denúncias afirmavam que o ataque, sexto em seis meses, não foi impedido pelas tropas da Força Nacional que estavam no local junto a Funai.

Em Ilhéus, pouco mais de 300km de onde ocorreu a prisão do Cacique Suruí, o Movimento Invasão Zero realizou seu Fórum Nacional no dia 7 de junho, defendendo ações ilegais de despejo e destruição de acampamentos rurais e incentivou fazendeiros a reagirem com agressividade em disputas por terra, [conforme denunciado em reportagem de Daniel Camargo para o Repórter Brasil](#).

[Em depoimento exclusivo ao AND, a Comissão Nacional da Liga dos Camponeses Pobres \(LCP\)](#), ao se manifestar sobre o Fórum do “Invasão Zero”, afirmou que “a luta pela terra no Brasil virou uma guerra, e a Revolução Agrária é a questão mais importante no momento para derrotar a extrema direita, toda a reação e o imperialismo”. E adendou: “Que os verdadeiros democratas se juntem de armas e bagagens com os camponeses, indígenas e quilombolas para derrotá-los.”